

INFORMATIZAÇÃO DO ACESSO AOS ACERVOS BIBLIOGRÁFICO, ARQUIVÍSTICO E MUSEOLÓGICO DA CASA DE RUI BARBOSA

Maria Irene Brasil

Chefe da Biblioteca e Coordenadora Técnica da Informatização do acervo/FCRB/Minc

Em 1998, começamos a implementar uma política de informatização que abrangesse todos os acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa: o bibliográfico, o arquivístico e o museológico.

O *software* escolhido foi o Microisis para Windows, que é distribuído pela Unesco. A escolha do Microisis deu-se pelo fato de ele possuir um excelente sistema de recuperação da informação, possibilitando o trabalho com maior integração entre os diversos acervos, além de sua gratuidade. Ressaltamos este ponto porque sabemos que muitas instituições nem sempre dispõem das verbas necessárias para aquisição de *software* de sistemas de bibliotecas. Sua interface não é muito amigável, mas pode ser melhorada com alguns aplicativos.

Nosso objetivo foi criar uma única base de dados com os diversos acervos da Casa, e, dessa forma, os registros dos vários tipos de documentos foram compatibilizados.

Para um sistema de busca eficiente, é necessário que haja um tratamento das informações antes de serem disponibilizadas, pois assim será muito mais fácil montar a estratégia de busca e interagir com o sistema de recuperação para a localização da informação que o usuário precisa. Essa foi nossa maior preocupação e ainda continua sendo – a entrada de dados.

A entrada de dados passou por um processo de padronização, para então começarmos a trabalhar no tratamento e na representação do conteúdo das informações a serem disponibilizadas. Esta etapa foi muito conflituosa, porque trabalhamos com a interdisciplinaridade das três áreas: biblioteconômica, museológica e arquivística, para adequarmos as informações.

A montagem da entrada de dados teve como modelo o USMARC (Machine Readable Cataloging), que é um formato bibliográfico usado para processamento computadorizado. É composto por um grupo de normas para identificar, armazenar e comunicar as informações. É estruturado em campos, que são meios para identificar os elementos do registro, tais como título, assunto, etc. O USMARC permite o controle de documentos bibliográficos, textuais, especiais (fotos, filmes, fitas de vídeos, mapas, etc.) e objetos museológicos. Ressaltamos que o USMARC foi usado como um roteiro para a montagem da base de dados, pois o formato utilizado é o Microisis.

Demos início ao processo de adaptação das informações nos campos do USMARC. Por exemplo: o campo 020 é o campo ISBN (que é um número de controle internacional) e é uma informação que só existe em livro, isto é, em documento bibliográfico, portanto somente seria usado pela biblioteca. O campo 100 (autor, nomes pessoais) é usado por todos os tipos de documentos, quando necessário. Mas já no campo 260, sobre a publicação, distribuição ou a produção de um trabalho que, no caso da biblioteca, é a imprensa (local, editor e data do livro), no documento textual do arquivo corresponde à localização da unidade de descrição e à data-limite (indica o dia, mês e ano e/ou o menor e maior ano correspondente à unidade de descrição; neste caso não tem editor, porque não é documento impresso). No documento especial, os dados serão local, ateliê, estúdio, editor (conforme o documento) e a data. No caso do objeto museológico, serão os dados de manufatura, isto é, local de fabricação, o nome do fabricante e a data da fabricação.

Trabalhamos muito com a adequação das informações nos campos, pois nem sempre todos coincidiam ou então o campo só servia para um tipo de documento. E, assim, fomos montando a estrutura da base, para depois inserirmos os dados, mas sempre trabalhando separadamente com as bases específicas. Depois elas se unirão e serão transformadas numa só, pois o resultado, ao final, deverá ser a recuperação de todos os tipos de documentos. Mas também poderá haver uma filtragem no caso de se querer um documento bibliográfico, ou um documento textual, etc., porque trabalhamos pelo tipo de documento e não pelo setor.

Para que mantivéssemos a padronização das entradas de dados, elaboramos o “Manual de Metadados dos Acervos da Casa de Rui Barbosa”. Como dissemos anteriormente, para que se obtenha maior precisão na pesquisa é necessário uma boa entrada dos dados e isto se obtém através do padrão de registro.

O objetivo do Metadados é justamente facilitar a manutenção dos dados e otimizar os resultados de busca. O Metadados deve conter informações que discriminem os campos de autor, título, local, data, etc., e, para cada campo, informações como: nome do campo, descrição do campo, tipo de dados, formato, etc., assim como qualquer informação que seja pertinente à sua recuperação.

Estabelecemos também as diretrizes teórico-metodológicas no âmbito da Teoria do Conceito e dos princípios terminológicos para o tratamento dos termos que representam os assuntos dos documentos bibliográficos, arquivísticos e museológicos e que vão possibilitar a construção do vocabulário controlado.

Outra etapa fundamental no processamento da informação, pois servirá de auxílio para o usuário na localização da informação, é a construção da base de autoridade, que se constitui no vocabulário controlado que vai normatizar as entradas dos assuntos tratados nos diversos tipos de documentos e a normatização dos nomes pessoais e das entidades coletivas.

A linguagem controlada ou linguagem documentária é utilizada quando se faz a indexação por conceito, podendo ser representada por mais de uma palavra. Esta indexação pressupõe a análise do conteúdo temático do documento (análise conceitual) e a “tradução” dos termos da linguagem natural para o vocabulário controlado da linguagem documentária, que apresenta todos os controles necessários, a fim de expressarem, com a menor ambigüidade possível, o conteúdo dos documentos. A linguagem controlada deverá ser capaz de localizar, agrupar e gerenciar os documentos, sendo eficiente o bastante para assegurar a recuperação da informação neles contida, produzindo um índice que permita o acesso à informação.

Após esse período de desenvolvimento das bases de dados informatizadas, será implementada a inclusão de imagens digitalizadas em *links* com os materiais referenciados e disponibilização da consulta aos acervos para os usuários através da Intranet / Internet.

Em todo esse processo tivemos a preocupação de investir no tratamento e na representação do conteúdo das informações a serem disponibilizadas para melhorar a recuperação da informação.

Queremos dizer também que contamos com as seguintes consultorias: na parte do Microisis, de Henrique Kelmer, professor de Microisis da Contemporary, uma firma do Rio de Janeiro que ministra o curso de Microisis, e da Profª. Maria Luísa Campos, da Universidade Federal Fluminense, que nos assessora na elaboração do Metadados e do vocabulário controlado.